



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII — N.º 457 — Preço 1\$00
16 DE SETEMBRO DE 1961

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

ÁFRICA

A Verdade é um valor absoluto que não é legítimo subordinar à oportunidade. S. Paulo o afirma expressamente na exortação pastoral a Timóteo, seu discípulo: «Prega, insiste, oportuna e importunamente; repreende, roga, admoesta, com toda a paciência e doutrina».

— Dizer a Verdade, agir em Verdade — por muito que não pareça! — será sempre oportuno. Pode a frutificação imediata não ser muito rendosa... Ai da árvore que frutifica demasiado cedo... — depressa se esgota!

O homem que pensa a Verdade e age em Verdade adquiriu aquele sentido da História que o faz superar a mesquinhez do efémero e torna-se um semeador de eternidade. Não planta para si; prefere que o bosque lhe não chegue a dar sombra mas o lembre aos seus netos de muitas gerações, quando se acolherem a ela. E por isso escolhe

árvores lentas no crescer, longas no durar.

Este conceito pressupõe vitória sobre o egoísmo e dá ao homem que assim pensa e age dimensão de luz que os séculos não consomem. Não é comum esta perspectiva. Por isso não fazem multidão os homens verdadeiramente grandes, cuja imagem resiste à erosão do tempo na memória dos outros.

A reparação das nossas omissões em África, não é agora o tempo de as fazer, por ser oportuno num sentido ou em outro. É tempo, simplesmente, porque era melhor que as omissões não tivessem sido — e já que foram, remediá-las... «vale mais tarde do que nunca».

E eu digo omissões, por me parecerem mais graves os pecados classificáveis sob este título do que os próprios erros na acção.

Fala-se agora muito no povoamento do nosso Ultramar, em investimentos notáveis que dêem condições de trabalho, portanto de vida, a grande número de Famílias que urge encaminhar para lá. É certo. Teria sido certo há muito tempo. E como o pretérito não foi perfeito, valha-nos o presente.

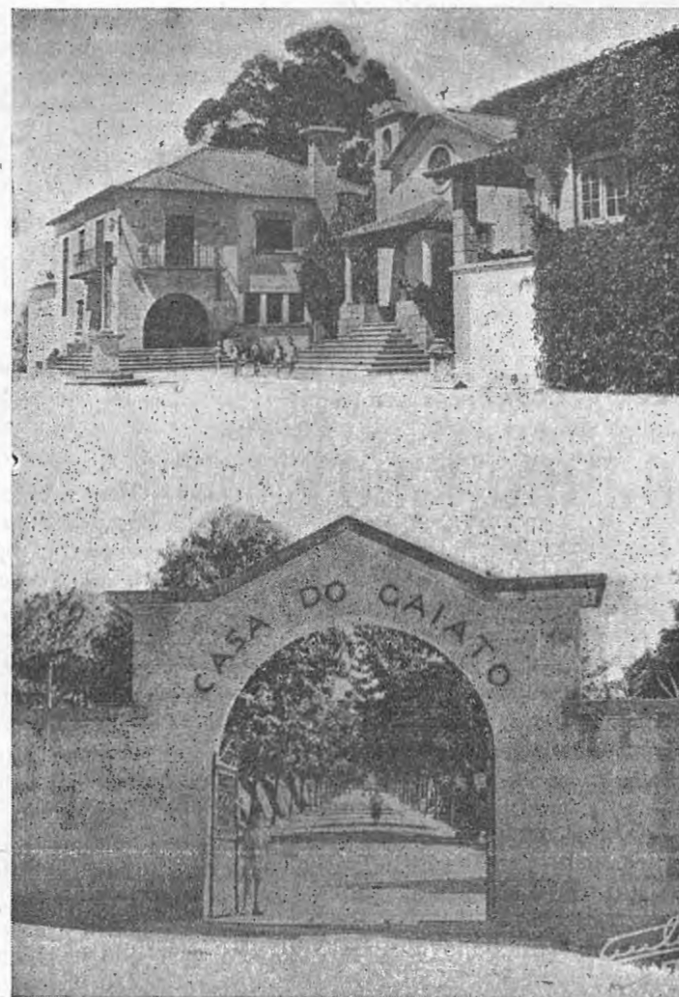
É por força desta verdade que não há lugar para hesitações nem para perguntas calculistas: será oportuno agora? será inoportuno? Pensar demais será talvez pecado contra a simplicidade, senão mesmo algo de inútil, porquanto a um

Cont. na página quatro

CASAMENTOS



A Família cresce. Desta vez foi o Joaquim Roque que aqui damos com sua esposa.



TRIBUNA de Coimbra

Estou

a escrever com uma grande dor de cabeça, não sei provocada por quê. Deve ser dos choques da nossa vida. Eles chegam a todo o momento. O Barral com 16 anos e o Faz-me-ri com 13, actualmente os nossos dois cozinheiros, ontem, no fim de darem o almoço, desapareceram e foram para as ruas de Coimbra. Na semana passada os meus velhos tiveram três dias de convívio espiritual na Senhora da Piedade e alguns dos que ficaram em casa passaram a vida aos pássaros e fruta e depois houve um grande tribunal. E mais coisas naturais numa família desta natureza.

Tudo isto junto com o calor, mais as notícias do que se passa pelo mundo, mais as seroadas e madrugadas por causa das distâncias dos peditórios de verão e mais as noites mal dormidas dão estas dores de cabeça.

Apetece-me sempre sorrir quando as pessoas amigas nos falam nas dores de cabeça pelos cuidados de alimentar e vestir tanta gente. Embora estes cuidados materiais também nos preocupem, os outros é que são a grande causa das nossas aflições.

Nós acreditamos no Evangelho do último domingo: Procurai primeiro o Reino de Deus, o resto vem por acréscimo. Se o Pai Celeste alimenta as aves do Céu e veste o feno e os lírios do campo, não há-de ter o cuidado de Seus filhos?

Nós acreditamos nesta Doutri-

na e a nossa maior preocupação é de facto encaminhar os que não estão confiados para o Reino de Deus. O resto esperamos que seja com o Pai Celeste que não se tem descuidado em tocar o coração de muitos filhos.

Vejamos:

De Coimbra, uma saquinha com muitas moedas e a pedir um missa; vinte no Castelo por almoço do marido; cem em casa para uma família pobre; mil por almoço do Pai; vinte no Lar; assinatura

cont. página quatro

NÓS — Temos andado um pouco arredado das colunas deste nosso querido Famoso e, se não era o Sepadre Carlos puxar as respectivas orelhas, ainda não era desta que alinhávamos duas coisas. É a desordem. É o barulho. É a balbúrdia. É um «desassossego»... Portanto, quem nos mandou vir, que nos ature!

★

PAI AMÉRICO — Desde que descansa ao lado do Altar da nossa pequenina capela, as visitas a esta são inúmeras. A simplicidade e o recolhimento convidam e a ordem tem sido muita e esperamos que se manifeste sempre dessa forma para que não tenhamos nódoas a apontar. São novos, velhos, pobres, ricos, e até os pequeninos se aproximam daquele que continua a ser o PAI!

Os joelhos vergam-se. As almas elevam-se tendo a testemunhar as humildes pedras onde se perdem as vaidades para se

Facetas de uma vida

cont. da pág. QUATRO centagem das minhas despesas, porque levo uma incumbência para elles de alguns dias, em Liverpool. (1)

Não descure as possibilidades de me auxiliar a pôr uma casa de fructas ahí, quero dizer, se a sua ex-casa pode servir para tal fim, mas nada faça sem me ouvir após a minha chegada de Londres.

Sempre vou a Peniche na próxima semana.

Em nova carta, oito dias depois, acrescenta:

«Eu desejo entrar em relações comerciais com as seguintes firmas de N/ York, sobre rendas portuguesas e pretendo que me informe na volta do correio se ellas têm interesses em bordados do Funchal. Uma delas creio que tem. Veja-me isso com toda a consciência para que eu me não vá meter na boca do lobo. No meu regresso de Londres preciso ter cá a informação para me dirigir a qualquer dellas.

Esta informação é urgente. Sempre fui a Peniche e comprei um mostruário por 320\$00. Tenho boas probabilidades de intensificar a produção se for bem sucedido na sua colocação. Tive ocasião de ver que não sou só; há mais quem exporte rendas para fora de Portugal, mas não pude saber para onde. Em Peniche há rendas que são uma maravilha, cousa pra 120\$00 o metro e que esse metro leva dois meses a fazer.

Devo seguir para Londres no dia 5, por mar. Saiba-me também o que se poderá fazer ahí com a fructa do Cabo. Eu continuo cheio das melhores esperanças neste particular».

Afinal, depressa o seu caminho enveredaria por onde eram inúteis as suas «esperanças neste particular».

(1) Pormenor já citado in «Facetas de uma Vida» publicada no n.º 414 de 23 de Janeiro de 1960.



CASOS DO MOMENTO

dar lugar à Verdade. O policromado quadro do vitral que fica ao pé e nos mostra o Pelicano a alimentar os seus rebentos com o sangue que tira do peito. O Altar granítico, diáricamente testemunha do Sacrifício de Getsémani. As quatro tábuas onde Ele mora e mantém diálogo aceso com os viandantes que O procuram. A cena familiar dos azulejos. A candeia, que mais parece destas de coroa que se vendem nas feiras para que os humildes e pequeninos estejam mais presentes. As testemunhas da fé. O Amor que jorra e deixa transparecer um doce e suave perfume.

— Pai Américo, tu estás aí, pois estás?

— Olha, venho-te fazer queixa de mim... Perdoas?

— Anda, vai lá!!!

— Quando é que aqui estás outra vez?

— Estou cá sempre. Chama os outros!... Eu sou de todos, filho.

★

FIGOS — Têm sido alvo de grandes guerras, desde que começaram a aparecer os primeiros maduros. Já o ano passado era assim. É assim sempre. Os tipógrafos fazem justiça por suas próprias mãos. Chamam ao quartel general, galeão na mão e... *toma que já almoçaste!* O pior é que também aparecem alguns senhores já com uns pelitos no bigode e outros franganotes que se julgam com carta branca e o caso é muito sério. O Rocha, o Mira e dizem que também o Miguel e o Caracol têm sido uns pimpões e os tipógrafos vão vendo os figos a fugir e alguns canos partidos que não mais darão figos. Ora estes são muito bons. São de pingo de mel. O Sepadre Carlos e Sepadre Manuel, provaram e ficaram a lamber os beiços. Vamos a ver se os não vindimam todos. Ou há moralidade... ou a figueira da tipografia vai secar!

★

MÊNITA — É a Filomena filha do nosso Pinto, portanto nossa sobrinha e neta da Obra. Já fez cinco anos e o Manel e a Alice não cabem em si de contentes. Foi um cálice de Porto e todos juntos na pequenina sala nos sentiamos bem. Era um quadro encantador, como sempre sucede quando entram os filhos dos nossos!

— Como te chamas?

— Eu cá sou a Mena Pinto.

— Quem é o teu pai, quem é?

— É o Nelo. O Nelo também é Pinto...

Muito esperta. Muito alegre. Muito bonita e nós todos muito contentes...

★

VOZ DOS NOVOS — Jornal de grande expansão e de maior tiragem cá nos arredores. Os nossos gostam muito da folha e as pessoas de fora são muitas as que pedem para participarem e comungarem com a juventude... Quando alguém diz bem, ficamos contentes. Quando diz mal, que é para bem, bem é, portanto é uma das coisas que está sempre bem.

Já tem causado muitas arrelias e dores de cabeça ao Senhor Padre Carlos e como não podia deixar de ser, lá está metido nos assados este vosso amigo.

Há alguns que se queixam de que as fotografias da feira são muito mal tiradas e por vezes com manchas, mas ainda ninguém reparou que o kodak com que as focamos está muito velho. Parece mesmo um «charuto» daqueles antigos. O jornal é de todos. No final todos gostam e a ele ficam presos.

★

NOSSOS — Os nossos que estão nesta hora grave que atravessamos a defender o território Pátrio. A todos lembramos muito e daqui enviamos saudades de todos. De todas as oficinas, afectuosas saudações. Dos pequenos e dos grandes, recehei os seus corações. Estais sempre presentes em todos os actos de comunidade. Lutai, lutai, lutai sempre até ao fim e, mesmo com a última gota de sangue, lembrai-vos que convosco estão muitas almas e corações que só querem que sejais sempre aquilo que aqui vos ensinaram.

★

FRUTA — Este ano a nossa quinta tem produzido muita fruta. Têm sido consoladelas, consoladelas e consoladelas! Mas mesmo assim ainda há muita gente que alivia as fruteiras do enorme peso e os tribunais têm sido regularmente, um número de comunidade. Temos também muitos tomates e todo o mundo gosta muito deles. Para a mesa, levam tomates. Para a merenda, anda gente com eles. Para as casas dormitórias, tomates são. Nos bolsos, andam tomates. Aqui abrimos um parêntesis para frisarmos que nós somos os reis deste fruto e ainda bem que o tomate não esgota. Era um grande desarranjo, pois andamos com dieta devido aos maus figados... E, se os senhores quiserem vir por aí abaixo ver, não fiquem com pena. Provam também deles!

★

TIPOGRAFIA — Não podíamos de forma alguma esquecer o sítio de mais movimento «em todas as categorias» Os da Tipografia tanto são bons nas primeiras, como nas reservas, ou infantis. Dizem que não passam cartão a indivíduos mal vestidos e «que se distinguem no meio desta parolada», o que dá aso a zaragata pegada e depois quem quiser que se defenda que o resto não é com eles. Já tinha acontecido coisa idêntica o ano passado. Afinam os do campo, quando estes estão trabalhando nas terras, costuma ouvir-se o slogan: «Semeai, semeai, quem comerá isso sou eu». Desta vez, o António Perú, chefe da orquestra basqueirofónica, estava a semear e o Ramada, como bom impressor, apressou-se a proferir a citada frase. Até aqui nada de especial, a não ser que estavam a semear azevém e o Ramada que pela certa não aprecia erva... Isto é a Casa do Gaiato!

Aqui LISBOA

Caridade foi até hoje a marca do autêntico cristianismo. As frases mais incisivas do Evangelho são as da Caridade. E foi por ela que o mundo começou a ser ganho para Cristo. Os primeiros cristãos tão bem a compreenderam que faziam o que nós chamaríamos hoje loucura. A loucura do Evangelho! Tanto separamos o Evangelho da vida que nem ao julgarmos o nosso proceder topamos com a sua falta. E quando alguém ou alguma coisa nos faz apalpá-la ou experimentá-la em alguém, é o espanto. Tão agarrados e cegos pelo brilho das coisas deste mundo, e às vezes até pelo nosso brilho, que o que em nós devia ser luz é treva; o que devia ser pregão é silêncio. E fazemos da nossa religião uma série de preceitos e considerações e práticas, quantas vezes à margem do que há de mais simples, sublime e puro no nosso Evangelho. Bondade e generosidade sem Deus não é Caridade; «Posso dar todos os meus bens ao próximo. Se não tiver caridade... Posso dar o meu corpo às chamas e à morte (e tantos o estão dando e darão). Se não tiver caridade...»

Antes de mais a Caridade é o amor de Deus. Mas um amor repassado ou manifestado, ou, ia a dizer, negociado com o próximo. Porque damo-nos a ele para adquirir o direito de Deus se dar a nós.

Este amor Caridade de modo algum pode ser banalidade. Não é uma virtude adquirida, mas uma virtude de conquista permanente. A Caridade de Cristo foi provada pela Cruz e a nossa por onde o será, senão pelo sofrimento? Cristianismo sem Caridade é nada; Caridade sem sofrimento é nada; Cristãos sem sofrimento, é impossível! E pensamos nós com a nossa vaidadezinha que é. E continuamos a arrastar uma vida lânguida, que não agrada a gregos nem a troianos, do abismo onde caímos, as alturas da Caridade parecem inatingíveis. Quando, nas alturas devia ser o nosso lugar...

★

BILHETES — Quando é preciso um recado ou um «senhor recado» sobretudo para o Senhor Padre Carlos, lá vêm os hilitinhos à baila. Há deles em todas as oficinas e os recados são como chuva a seguirem para os escritórios...

«Snr. Padre Carlos:

Se pudesse dar um jeito a ler as provas do livro... E se dava ordem para encomendar papel para a 3.ª edição do «Pão dos Pobres», também era bom. Não há o perigo do empastelamento da folha porque estamos a providenciar nesse sentido. Está quase tudo em ordem, com o Costa à superfície...

Eis a resposta: «Vou divorciar-me por crueldade mental.

Ele Gaiato, ele plaquettes, ele correio, ele provas do livro... Ele o carpinteiro mai-lo telhado do Se Pinto. Ele o «Redondo», ele a senhora alemã que está de visita...

Para que lado me hei-de virar?!

O papel do livro, tratem lá disso na linha em que Júlio vinha tratando do negócio. Teu destroçado,

Padre Carlos».

E mais. Muito mais ainda. Lá se vão as energias. Os nervos têm de ser «recauchutados» quase de semana a semana. Lá se passam noites em claro. Lá se vêem mais cabelos brancos...

daniel

Estas palavras vêm a propósito, de duas cartas recebidas há pouco. Tratava-se de um domingo ir a Peniche falar nas Igrejas. Mesmo quando peço para aqueles que Deus pôs mais perto do coração recomendo sempre o próximo que sofre e precisa de sa-maritanos. Ora a resposta veio pronta e cheia de nobre Caridade:

«Um abraço amigo. Venha que gosto de o ver por cá. E levando daqui dinheiro para essa casa, é uma benção de Deus. Passe por aqui com sua gente e deixe cá ficar résteas de Fé e Caridade. Faça bem por aqui. Desejo-o cá».

Ora quem não sabe que Peniche é um exemplo de vida cristã, onde os Pobres têm o seu lugar; onde o Pároco os tem por filhos e os paroquianos por irmãos? Podia muito bem aquela carta dizer que ali os pobres estão remediados, que as esmolas também lá são precisas, e as minhas palavras inúteis por estar tudo e todos no seu lugar. Podia até muito bem nem responder, ocupado pela solicitude de todos os seus. Não senhor, «levando dinheiro para essa casa é uma benção de Deus. Desejo-o cá».

Nestas circunstâncias, caros leitores, eu não soube, se rir, ou chorar. Rir, porque a Caridade gosta de tudo e de todos no seu lugar. Chorar porque a falta de lar magoa. Por aqueles dias, um dos meus que vendia o Gaiato «o jornal que mais bem faz em Portugal», foi expulso dum adro de igreja. «Lá para fora». Bem pudera ter dito: «Anda cá meu rapaz; conta-me como estão os rapazininhos que têm ido desta Paróquia para a Casa do Gaiato».

Outra carta:

«É com a maior satisfação que voltamos com as nossas migalhinhas para ajudar uma Obra de Deus. É pouco mas creia que é com a maior alegria que o damos, porque isto não é nosso; foi Ele, o Senhor Misericordioso que nos dá a saúde e força para o trabalho; e é também em agradecimento por esses dons que o Mestre tão pródigo nos ofereceu, que nós queremos estar presentes, se possível mensalmente, numa Obra que desde a primeira hora é dEle. Se assim não fosse, julgo que nada se teria feito, porque Ele não estava lá. Um grupo de empregados da CUF».

Tudo o que temos vem de Deus. Sim amigos. Esta Casa nem nossa é. Somos aqui mais de cem e tudo nos vem do Senhor Misericordioso que multiplica pródigoamente as migalhas da Caridade «numa Obra que desde a primeira hora é dEle».

Padre José Maria

